

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

DOIS POEMAS

 editora
SARAIVA

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS
da Academia Paulista de Letras

DOIS POEMAS

1994

 editora
SARAIVA

ISBN 85-02-01382-3

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Martins, Ives Gandra da Silva, 1935-
Dois poemas / Ives Gandra da Silva Martins ; | prefácio Oscar
Dias Corrêa |. — São Paulo : Saraiva, 1994.

1. Poesia brasileira I. Corrêa, Oscar Dias. II. Título.

94-0935

CDD-869.915

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Século 20 : Literatura brasileira -
869.915
2. Século 20 : Poesia : Literatura brasileira
869.915

0945

 editora
SARAIVA

Avenida Marquês de São Vicente, 1697 — CEP 01139-904 — Tel.: PABX (011) 861-3344 — Barra Funda
Caixa Postal 2362 — Telex: 1126789 — Fax: (011) 861-3308 — Fax Vendas: (011) 861-3268
São Paulo - SP

Distribuidora Saraiva de Livros Ltda.

AMAZONAS/RONDÔNIA/RORAIMA/ACRE
Rua Costa Azevedo, 31 — Centro
Fone: (092) 234-4664 — Fax: (092) 232-2576
Manaus

BAHIA/SERGIPE
Rua Agripino Dórea, 23 — Brotas
Fone: (071) 381-5854/381-5895
Fax: (071) 381-0959 — Salvador

BAURU/SÃO PAULO
Rua Monsenhor Claro, 2-55 — Centro
Fone: (0142) 34-5643 — Fax: (0142) 23-1017
Bauru

DISTRITO FEDERAL
SIG QD 3 Bl. C - Loja 55 - Setor Industrial Gráfico
Fone: (061) 344-2920/344-2951
Fax: (061) 344-1709 — Brasília

GOIÁS/TOCANTINS
Rua 70, 661 — Setor Central
Fone: (062) 225-2882/212-2806
Fax: (062) 224-3016 — Goiânia

MATO GROSSO DO SUL/MATO GROSSO
Rua Marechal Rondon, 549 — Centro
Fone: (067) 382-3682 — Fax: (067) 382-0112
Campo Grande

MINAS GERAIS
Rua Célia de Souza, 571 — Sagrada Família
Fone: (031) 461-9962/461-9995
Fax: (031) 467-7379 — Belo Horizonte

PARÁ/AMAPÁ

Av. Almirante Tamandaré, 933-A
Fone: (091) 222-9034/224-4817
Fax: (091) 224-4817 — Belém

PARANÁ/SANTA CATARINA
Rua Nunes Machado, 1577 — Rebouças
Fone: (041) 234-2622/225-4484
Fax: (041) 234-2731 — Curitiba

**PERNAMBUCO/PARAÍBA/R. G. DO NORTE/
ALAGOAS/CEARÁ/PIAUÍ/MARANHÃO**
Rua Gervásio Pires, 826 — Boa Vista
Fone: (081) 421-4246/421-2474
Fax: (081) 421-4510 — Recife

RIBEIRÃO PRETO/SÃO PAULO
Rua Lafayete, 94 — Centro
Fone: (016) 634-0546/636-9677
Fax: (016) 634-8319 — Ribeirão Preto

RIO DE JANEIRO/ESPÍRITO SANTO
Av. Marechal Rondon, 2231 — Sampaio
Fone: (021) 201-7149 — Fax: (021) 201-7248
Rio de Janeiro

RIO GRANDE DO SUL
Av. Ceará, 1360 — São Geraldo
Fone: (051) 343-1467/343-7563/343-7469
Fax: (051) 343-2986 — Porto Alegre

SÃO PAULO
Av. Marquês de São Vicente, 1697
(antiga Av. dos Emissários) — Barra Funda
Fone: PABX (011) 861-3344 — São Paulo

SUMÁRIO

Apresentação, VII

Prefácio de OSCAR DIAS CORRÊA, IX

I — O LIVRO DE RUTH, 1

Capítulo I — Elimelech em Moab, 3

Capítulo II — Ruth no Campo de Booz, 25

Capítulo III — Noemi aconselha Ruth, 49

Capítulo IV — Booz no Conselho dos Mais Velhos, 67

II — O MENINO E A DESCOBERTA, 89

APRESENTAÇÃO

Publico, neste meu quinto livro de poesias, dois poemas dedicados à minha esposa.

O primeiro é o livro bíblico de Ruth, a moabita.

A versão que dele fiz em versos alexandrinos, ofertei-a à minha mulher, quando ainda éramos noivos e namorávamos há menos de três anos.

Comemoramos quarenta anos de namoro em 24 de dezembro de 1993 e trinta e cinco anos de casados. Decidi, pois, renovar a oferenda com a mesma emoção, pois Ruth sempre teve as virtudes, a fidelidade e a dedicação que ornaram aquela ancestral da família de Cristo de quem herdou o nome.

O texto surgiu da comparação entre a versão latina da Vulgata, publicada pela Editorial Católica de Madrid, com a brasileira da Edições Paulinas, tendo procurado manter o mais possível as palavras originais, nas narrativas e diálogos, apenas fazendo as concessões necessárias ao ritmo exigido pela forma poética escolhida.

Os títulos constantes em cada capítulo são encontrados na versão latina.

A publicação, quase quarenta anos após tê-lo composto, é a maneira que encontrei de agradecer a Deus as benesses recebidas no casamento com aquela que o nome guarda da mulher que permitiu a preservação da Casa de José.

O segundo poema, também composto para Ruth, em versos soltos, homenageia nossa história de amor, em que o “sonho sonhado” transformou-se em realidade.

O tempo pretérito faz-se tempo presente, graças à poesia da vida, que o poema de sonho nunca consegue alcançar.

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

PREFÁCIO

Há cinco anos, prefaciando outro livro de Ives Gandra da Silva Martins — *Advocacia Empresarial* —, referia-me à “capacidade ímpar com que ele se entrega, a um só tempo, a tantos misteres, e com que os executa. Na cátedra, na advocacia, em livros, pareceres, artigos, seminários, debates, e inacreditável presença epistolar, cumpre atividades que ocupariam grupos inteiros de especialistas de várias especialidades.

E de todas cuida como se uma única, exclusiva, cada uma a seu tempo...”.

Lembrava, então, a definição do “economista completo”, de G. L. S. Schakle, professor da Universidade de Liverpool, que, praticamente, requeria um sábio, quando menos...

Pois bem: isso não era nada diante do que vim a confirmar depois: que Ives, com aptidões artísticas inatas e cultivadas, era exímio pianista, além de prosador de fôlego, poeta inspirado, fora o que, provavelmente, ainda não descobri!

Veio-me, então, à idéia o dito clássico que resume a vocação para o conhecimento de *omnium rerum magnarum atque artium scientiam* — todas as grandes coisas, e as artes e as ciências.

Foi assim que passei a compreendê-lo, e é o que penso agora lendo-lhe os versos para Ruth.

Encanta, edifica, que tenha tido a ventura de escrevê-los, buscando, no livro sagrado, a inspiração da homenagem, a que o verso dá vida esplêndida e sonora; como surpreende que, vencendo os preconceitos atuais, os publique, e apregoe, para que o mundo compartilhe seu amor à amada!

Não é Beatriz, nem Laura, sublimadas por Dante e Petrarca, mas é a divina lição de vida, contada (talvez) por Samuel, que, vencendo séculos e cataclismas, chega até nós; e a que Ives dá a versão dos olhos do amor encarnado; amor que se eterniza no coração e canta nos versos, para que o “tempo pretérito, como ele diz, se faça sempre o tempo presente, graças à poesia da vida, que o poema de sonho nunca consegue alcançar”, intemporal, vivo, eterno.

Tenho pelos poetas um respeito hierático: ainda quando os não entendo, admirando a forma, extasiando-me em como compõem a frase e lhe dão música, ritmo, som, cor, vida, não sei senão admirá-los, a única atitude que compatibiliza o contraste de quem sente e não sabe.

De mim, versos fiz, versos faço, versos farei, ainda, por certo: há momentos em que, estranhamente, por mais que a prosa nos venha límpida e precisa, e pareça a linguagem natural, sentimos o ímpeto irreprímível de dar-lhe a forma do verso, o tom do verso, o ritmo do verso e, até mesmo, a rima do verso, para que melhor se case ao sentimento que vivemos e pretendemos exprimir.

Ives faz isto naturalmente, ainda quando parece que torce a frase e lhe transmuda os vocábulos, como se nota no *Livro de Ruth*, talvez mesmo para lhe guardar o vetusto sabor de outros tempos, bons tempos em que Deus se entendia diretamente com os homens, e falava com os fiéis, cobrando-lhes a fé e premiando-lhes a virtude.

Já em *O Menino e a Descoberta* a viagem da descoberta coincide com a vida, e o símbolo enche a poesia de mistério, que esconde e sonda:

“Quanto símbolo não diz o seu poema”.

Como

“A árvore dos séculos,
No instante em que viu a eternidade,
Transformou-se em momento,
Apenasmente”.

No mistério, que vive com o poeta:

“Jardineiro do tempo, que se perde,
No silêncio da tumba, que se se encontra”.

É, então, a busca da descoberta, até que
“Depois...

A vontade de corpos mais que de olhos.

Depois...

A vontade dos corpos e dos olhos.

Depois...

A vontade dos olhos e dos corpos”...

E tinha de acontecer, que assim se pôs para os homens:

“...aconteceu, um dia,

Que o menino,

Na menina,

O reino desvendou.

Príncipe e princesa

A verdade da história

Descobriram”.

Para o coroamento:

“Com o tempo,

Na lagoa da vida

Seis pontes

Construíram dos tempos do presente

Aos tempos do futuro”.

Tem o poeta seus símbolos e seus mistérios, que não se dizem, mas se expressam, que não fala, mas se entendem.

Poesia não é de se explicar, é de sentir, sem que necessário que os gramáticos gramatiquem e os críticos critiquem, que ela existe, vive e domina, com ou sem eles, e até, melhor, às vezes, apesar deles.

Menos ainda carece que os outros nos queiram apontar o que sentiram, se o que sentimos, ou sentiremos, está em nós, ao contato dela, e não neles, e não sentiremos (graças a Deus!), como eles sentem (ou não sentem).

Ives descansa da labuta do direito e da economia (no mais amplo) poesiando. E faz bem, não só a ele, à Ruth, obviamente... e a nós, que colhemos o resultado da obra. Que o lemos, cá e lá, nas ciências e nas artes, sobre todas as grandes coisas, com a admiração de quem faz, sabe fazer, e nos permite apreciar e valorar o fruto de sua inspiração, na fluência do verso, que encarna a beleza do Amor:

“l’Amor che move il sole e l’altre stelle”.

OSCAR DIAS CORRÊA

Da Academia Brasileira de Letras

I

O LIVRO DE RUTH

CAPÍTULO I

ELIMELECH EM MOAB

1

Outrora, quando um juiz — e o tempo era de juízes —
Governo ministrava, o mundo viu-se em fome
E um homem de Belém, da tribo de Judá,
Saiu peregrinando em terras de Moab
Com sua bem-amada e os dois filhos dos dois.

2

Por nome, possuía o nome Elimelech
E aquele da mulher, por nome Noemi,
E os dois filhos dos dois, os filhos se chamavam,
Mahalon o primeiro e o outro Quelion,
E, sendo por Efrata e sendo de Belém,
Os dois eram, também, da tribo de Judá.
E entrados no país, moraram por ali.

E Elimelech um dia, esposo a Noemi,
Morreu e ficou ela e os dois filhos dos dois,

4

Que casaram, após, com mulheres de lá,
Orfa de nome a prima e a próxima de Ruth,
E todos lustros dois viveram por ali.

Mas ambos, a saber, morreram por ali,
Mahalon o primeiro e o outro Quelion,
E sem filhos ficou a mulher sem esposo.

6

E resolveu tornar à antiga pátria sua,
Levando do país às suas duas noras,
Porque ouvira falar que seu povo o Senhor
Olhado tinha e dado em que se sustentar.

NOEMI FALA ÀS SUAS NORAS

7

Saiu, pois, do lugar da peregrinação,
Levando do país as suas duas noras,
E, estando no caminho à terra de Judá,

8

Destarte lhes falou: “À casa ide de volta
E para vossas mães; convosco use o Senhor
Misericórdia bem, já como, outrora, usastes,
Com os que mortos são e com a que vos fala.

E faça ELE encontrar a vós vosso descanso
Na posse dos varões, com quem vós vos casardes''.
Depois as osculou, mas elas, em voz alta,
Começaram ali seu pranto a derramar,

10

E a dizer: “Nós, contigo, o teu povo honraremos”.

11

E assim lhes respondeu: “Voltai, filhas queridas,
Por que buscais vós vir com quem assim vos fala?
Eu tenho, porventura, alguns filhos no ventre
A fim de que de mim maridos espereis?”

12

Filhas minhas, voltai, que curvo de velhice,
Acabada e incapaz de tornar-me a casar.
E se inda concebesse, em esta mesma noite,
E filhos para o mundo eu, inda, são, parisse.

13

Em querendo esperar que meus filhos crescessem
E chegassem, viris, à própria puberdade,
Primeiro vos faríeis velhas que casásseis.
Queridas filhas, não, jamais quereis tal coisa,
Porque vossa aflição a minha se acrescenta
E a mão de Meu Senhor em mim descarregou”.

Elas de novo, levantando a voz tristonha,
Começaram, ali, seu pranto a derramar.
A sogra Orfa beijou e foi-se, porém Ruth
A sogra acompanhou de volta à pátria antiga.

E disse Noemi: “Para seu povo e deuses
Eis que se foi tua cunhada. Vai com ela”.

16

A qual lhe respondeu: “Não sejas contra mim,
Fazendo-me deixar-te e só de cá partir.
Pois onde quer que fores eu te seguirei,
Pois onde tu ficares eu lá ficarei.
O teu povo será para sempre o meu povo

17

E o teu Deus o meu Deus.

A terra em que morreres,

Eu, nessa, morrerei e lá terei meu túmulo.

Tal me faça o Senhor, e faça-me inda mais

Se outra coisa que a morte a mim de ti separe”.

Vendo, pois, Noemi que Ruth inda insistia,
E, assim tão firmemente, em querer ir com ela,
Não quis contradizê-la e nem lhe persuadir
Para que aos seus voltasse.

E juntas caminharam

Até verem Belém. Na qual cidade tanto
Que lá chegaram logo a nova percorreu
E em toda a vizinhança as mulheres diziam:
“É esta aquela Noemi”.

As quais a vinda

Destarte respondeu: “Não me chameis, mulheres,
De Noemi isto é formosa, mas chamai-me
De Mara, ou, amargosa, após que Meu Senhor
Encheu-me de amargura extrema.

Eu sai cheia

E o Todo-Poderoso a mim me fez vazia,
Porque me chamais logo assim de Noemi,
A quem Nosso Senhor, na vida rebaixou
E o Todo-Poderoso afligiu para sempre?"

Veio, pois, Noemi com Ruth moabita
Sua nora da terra, em que peregrinou,
E assim para Belém, tristonha, retornou.
Quando as cevadas começaram-se a segar.

CAPÍTULO II

RUTH NO CAMPO DE BOOZ

1

Ora, por este tempo, um homem poderoso
Havia e muito rico, a quem Elimelech
Foi, vivo, consangüíneo e nomeado Booz.

2

E Ruth moabita à sua sogra disse:
“Se mandas eu irei ao campo procurar
As espigas que às mãos, por vezes, escaparem
Dos segadores, onde quer que eu ache alguém,
Algum pai de família, o qual seja clemente
Comigo”. E a sogra respondeu: “Vai, minha filha”.

3

Foi Ruth, pois, dos segadores por detrás
As espigas tomando. Aconteceu, porém,
Que aquele campo tinha um dono da família
De Elimelech o qual por Booz era chamado.

Eis que, chegado de Belém, aos segadores

Ele falou: “Seja o Bom Deus convosco e sempre”.

Responderam-lhe assim: “Que o Senhor te abençoe”.

E disse Booz para o mancebo, que tomava
Nos mancebos sentido: “A quem serve esta moça?”

6

Assim lhe respondeu: “É esta a moabita
Vinda com Noemi das terras de Moab”.

“E pediu-me deixasse apanhar as espigas,
Que ficassem detrás dos segadores teus.
E marcha, pelo campo, assim desde a manhã,
Sem ter voltado à casa em um momento apenas”.

8

E disse Booz a Ruth: “Ouve, filha, não vás
Em outro campo respigar e de meu campo
Não te apartes jamais, porém junta-te às moças,

9

E segue-as onde já segado os meus tiverem,
Desde que eu ordenei àqueles que me servem,
Que nenhum te moleste e, quando a sede vier,
Achega-te aos barris e bebe da água mesma,
Que, por fresca, também os meus criados bebem”.

10

Ela prostrando o rosto em terra e lhe fazendo
Profunda reverência estas palavras disse:
“De onde a dita me vem de ter achado graça
Diante de ti, Senhor, e que te dignasses
Fazer caso de mim, que sou mulher estranha”.

11

Ao que Booz respondeu: “A mim foi bem contado
Tudo o que feito tens por quem é tua sogra,
Depois que teu marido a vida abandonou
E como tu deixaste aqueles teus parentes
E a terra, onde nasceste, em vindo para um povo,
Que nunca dantes tu jamais o conhecias.

12

Que o galardão do bem te dê quem manda em tudo
Por tudo o que fizeste e plena recompensa
Recebas do Senhor, Senhor Deus de Israel,
Para quem te achégaste e, lassa, te acolheste”.

Mas ela respondeu: “Eu tenho achado graça
Em frente ao teu olhar, Senhor que me falaste
E que reconsoleste o peito desta escrava,
Que em nada se assemelha às moças que te servem”.

14

E assim Booz lhe falou: “Quando chegar a hora,
Na qual deves comer, vem tu aqui e come
O pão e o seu bocado embebe de vinagre.
Ela, pois, se assentou ao lado de quem sega,
Preparou para si as papas de farinha
E comeu e ficou satisfeita e os sobejos
Protegeu.

15

E depois levantou-se dali,
Buscando prosseguir a coleta de espigas.
Esta ordem deu, porém, aos seus moços o dono,
Dizendo: “Se segar inda convosco queira,
Que não a embaraceis.

16

E deixai de propósito

As espigas tombar, por vezes, das gaselas
E que fiquem ali para que ela as apanhe
Sem ter algum rubor e sem ser repreendida”.

17

Esteve Ruth, pois, pelo campo apanhando
Até já muito tarde e tendo rebatido
E sacudido bem com uma grande vara
As espigas que só num dia recolhera
Por medida encontrou um efi de cevada,
Ou seja, quase três alqueires de alimento.

18

E com eles voltou, carregada, à cidade
E os à sogra mostrou e além disso tirou
Para fora e lhe deu sobejos de comida
De que ela se fartara.

19

E a sogra perguntou-lhe:

“Por onde respigaste e trabalhaste tu?

Bendito seja quem de ti compadeceu-se”.

E a nora respondeu por onde trabalhara,

Nos campos de um senhor que o nome tinha Booz.

E Noemi falou: “Bendito seja Booz,
Pois a boa vontade, a qual mostrava aos vivos,
Aos mortos demonstrou”. E prosseguiu dizendo:
“Aquele que serviste é teu parente próximo”.

E Ruth disse assim: “Deu-me ele também ordem
Que me ajuntasse aos seus até findada a ceifa”.

E a sogra respondeu: “Melhor é, minha filha,
Que fiques a segar com moças de tal homem,
Que em outro campo alguém talvez vá molestar-te”.

E Ruth incorporou-se às moças do senhor
E prosseguiu a andar, segando junto delas,
Até toda a cevada e o trigo serem postos
Nos celeiros de Booz, terminada a estação.

CAPÍTULO III

NOEMI ACONSELHA RUTH

1

Voltado tendo Ruth à sogra esta lhe disse:
“Minha filha, em te pôr em descanso seguro
Há muito ando cuidando e de tal modo o faço,
Que creio serás tu, em breve, muito bem.

2

Este Booz, que serviste, andando pelo campo,
D'outras moças unida, é teu parente próximo
E à noite há de limpar sua cevada na eira.

3

Lava-te, pois, unguendo-te e tomando aquele
Teu vestido melhor e chega dele à beira.
Que não te veja Booz, menos tendo acabado
De comer e beber.

4

E quando for deitar-se,

Nota bem o lugar, em que dorme, onde irás

E levantar-lhe-ás a capa, em que se cobre.

Da parte de seus pés e ali te deitarás

E assim te deixarás ficar serenamente

E o que deves fazer, após ele dirá”.

Ela lhe respondeu: “Farei o que me ordenas”.

6

E para a eira partiu e fez o combinado.

BOOZ FALA A RUTH

7

E quando Booz, depois de ter demais comido
E bebido também, estava mais alegre
E lá se foi deitar para dormir ao pé
De um arbusto, ela veio muito de mansinho
E a capa pelos pés erguendo, ali deitou-se.

8

Eis despertou à meia noite, estarrecido
E perturbado Booz e viu uma mulher
Aos seus pés estendida,

9

E disse-lhe: “Quem és?”

Ela lhe respondeu: “Sou Ruth, tua escrava.

A tua capa sobre a tua serva estende,

Parente que és chegado”.

10

E assim disse-lhe Booz:

‘Bendita sejas do Senhor, filha estremeosa,
Que a bondade primeira excedeste com esta,
Pois que não procuraste um jovem, pobre ou rico.

11

Não temas, pois eu não farei que me disseres,
Desde que todo o povo, aqui de minhas urbes,
Das portas para dentro, eu sei, não desconhece
Seres uma mulher de virtude,

12

Nem nego
Que teu parente sou, mas há outro mais próximo.

13

Descansa inda esta noite quando for manhã.
Se quiser receber a ti pelo direito
De parentesco, muito embora, mas se o não,
Viva o Senhor, pois eu a ti receberei.
Até pela manhã, serenamente, dorme''.

14

Dormiu, pois, a seus pés até passar a noite.
E levantou-se antes que os homens se entrevissem
E Booz lhe disse: “Vê, que nunca ninguém saiba
Que a noite aqui passaste”.

15

E prosseguiu dizendo:

“Estende a capa, a qual te cobre e a bem segura
E com ambas as mãos”. Tendo-a Ruth estendido
E segurando-a, Booz mediu-lhe seis alqueires
De cevada e os lhe pôs em cima. E carregada
Voltou Ruth à cidade

16

E para a sua sogra.

Esta lhe perguntou: “Ó filha, que fizeste?”

E Ruth contou tudo o que Booz lhe fizera.

E acrescentou: “Eis seis alqueires de cevada,
Que ele me deu dizendo: ‘Eu não quero que tornes
Vazia a tua sogra’”.

E Noemi lhe disse:

“Espera, filha, até que nos vejamos bem
Onde para este caso e porque Booz não há
De descansar enquanto o dito não cumprir”.

CAPÍTULO IV

BOOZ NO CONSELHO DOS MAIS VELHOS

1

Foi por-se à porta Booz e, pois, sentou-se ali,
Porém, vendo passar aquele seu parente,
Chamou-o pelo nome e disse-lhe: “Vem cá,
Por um pouco te assenta aqui”. Veio e sentou-se.

2

Então, tomando à porta dez dos homens velhos
Das urbes, lhes falou: “Sentai-vos vós aqui”.

3

Sentados todos, Booz, falou ao seu parente:
“Noemi, que voltou das terras de Moab,
Está para vender uma parte do campo,
Que Elimelech teve, o qual foi nosso irmão.

4

E que soubesse quis, em frente dos sentados,
Aquilo que é sabido em todo povo meu.
Se o queres conseguir, pelo direito antigo
De parentesco, compra e fica-te com ele.
E se te desagrade a mim m'o dize claro
Que eu saiba o que fazer, pois parentes não são
Senão tu que és primeiro e o segundo que sou".
E assim lhe respondeu: "Eu comprarei o campo".

5

E após disse-lhe Booz: “E como o campo compras
De Noemi, também se faz mister que cases
Com Ruth moabita, a qual do falecido
Fora mulher, a fim que o nome da família
Na sua herança o teu parente ressuscites”.

6

E assim lhe respondeu: “Eu cedo do direito
De parentesco, pois não devo terminar
Pela minha família o dom posteridade”.

7

Era já, pois, costume antigo em Israel
Que quando um seu direito, entre parentes, um
Ao outro concedia, o que cedia dava,
Tirado o seu sapato, o mesmo a seu parente,
Para que fosse validada a concessão.
Tal testemunho de cessão é de Israel.

8

A seu parente Boóz, pois, disse: “O teu sapato
Tira do pé”. E ele do pé logo o tirou.

E aos velhos homens Booz e a todo povo disse:
“Testemunhas vós sois de que entro no poder
Do que era a Elimelech e a Quelion, agora,
E a Mahalon também, me dando Noemi.

10

E de que por mulher a Ruth moabita,
Dantes com Mahalon casada, eu a recebo,
Para que o nome faça eu reviver do morto
Na sua herança e o nome assim nunca se extinga,
Pela família e irmãos e pelo povo seu.
Eu vos torno a dizer: Testemunhas vós sois”.

11

E o povo respondeu: “Nós somos testemunhas.
Que Deus a esta mulher, que em tua casa tomas,
Faça como a Raquel e Lia, que fundaram
A casa d’Israel, para que de virtude
Efrata exemplo tenha e um nome por Belém.

12

E a casa tua seja a casa de Farés.

Que de Judá Thamar pariu e para sempre.

Que o mesmo faça Deus com esta mulher moça”.

RUTH CASA COM BOOZ

13

Tomou, pois, Booz a Ruth e casou-se com ela
E tendo-a conhecido o Senhor fez-lhe a graça
De conceber um filho e pari-lo depois.

E à Noemi contente as mulheres disseram:
“Bendito seja Deus, que não te permitiu
Faltasse sucessor a tua descendência
E que por Israel seu nome conservasse.

15

E que, quem reconsole os teus penares, tenhas
É te sustente na velhice, desde que
Um menino nasceu da nora, que te quer.
E é para ti melhor, do que se sete filhos”.

E o menino tomando o pôs no seu regaço
E embalo lhe fazia, o tendo pelos braços.

E todas parabéns lhe deram e lhe diziam:
“Um filho a Noemi nasceu”. E lhe chamaram
“Obed” pai de Isai, que foi pai de David.

18

Estas são de Farés as gerações primeiras:
Farés gerou Eson,

19

Esron gerou Aram,

Aram gerou Aminadab

20

E Aminadab

Gerou a Nahasson e Nahasson Salmon;

Salmon gerou a Booz e Booz gerou Obed

Obed Isai gerou e Isai gerou David... . . .

II

O MENINO E A DESCOBERTA

Para Ruth

1

O menino descobriu anteriormente
A descoberta infantil,
Com sorrisos de flores e de espaços
E silêncios de sapos noturnais.
Mas guardou para si a descoberta...

O jardim.

Quanto símbolo não diz o seu poema!

Anteriormente meu destino foi jardim.

Até que um dia,

Descobri a descoberta.

3

Não mais quero ver o mar.
Maresiei-me posto antes do sol,
Contemplando silente a paisagem,
Que se punha detrás da paisagem.
Desvendi a primeira, que, escondida,
Os outros não supunham na segunda.
Assim,
Não preciso mais do mar.

4

Na seqüência do sonho e da lagoa,
Existe um panorama indescoberto,
Que naufraguei sozinho...
O peixe pescareado é alimento
Apenas da seqüência...
Eis porque quero o sonho na lagoa.

5

Não sei, retaguarda de floresta,
Desgalhada nas sombras das idéias,
Que silêncio persiste no teu canto...

6

E, um dia, após o dia,
O menino reviu-se em plena infância.
O deserto inexistia,
Não havia o jardim.
E o menino tomou-se de alegria...

Descoberta.

Nem a noite e nem o dia,

Nem o tempo estatizado,

Podem bem te conhecer.

Apenas o menino.

8

A lua tem o salmo de David.
Salmodia. Salmódia ou Salmo e dia.
Pouco importa ao menino
Já que a lua
Tem o salmo de David.

9

Pela ponte que une a sua infância,
Desvendou o menino o mar debaixo.
As pontes só costumam unir os rios,
Mas a ponte do menino
Cobre mares.
Pela ponte que une a sua infância,
Desvendou o menino o mar debaixo.

10

A árvore dos séculos,
No instante em que viu a eternidade,
Transformou-se em momento,
Apenasmente.

11

Nos mistérios góticos da noite,
Partiu a nave espacial,
Que o menino, em seu leito, construía.
Atingiu na distância o ponto-meta,
Mas, no tempo,
Esqueceu-se do tempo de voltar.
E ficou o menino no seu leito,
Interpretando
Os mistérios góticos da noite.

Tudo antes foi prelúdio
Da lenda do menino,
que foi príncipe,
Da lenda descoberta.
O menino sonhara ser menino,
Mas príncipe esqueceu-se de seu sonho
E esquecido ficou
Apenas príncipe.

13

Um dia, o menino entrou no Reino,
Sem desejos de reinado.
O Rei, acostumado a muitos reinos,
Nem notou que o menino lá chegado
Estava destinado a ser seu príncipe.
E deixou que o menino lá chegado
Súdito fosse e plebeu fosse
E tão-somente.

14

O menino buscou, na vez primeira,
Alguém que fosse igual a seu jardim.
Não viu,
Pois que jardins pelas cidades
Inexistem de sempre para sempre.
Ficou atabernado e sem jardim
O menino que entrara na cidade.

15

O tempo do menino na cidade
Correu celeremente.
O menino não chegara a compreender
O mistério da cidade
e não chegava a esquecer
O mistério desvendado do jardim.
O Rei e seu reinado
Eram mistérios maiores
Que a cidade.

Os dois olhos cansados o fitaram,
Naquela noite marcada.
Os olhos repetiam o que sabiam,
Monótonos, monótonos, monótonos.
O menino, todavia, nunca vira
Estes dois olhos cansados
E julgou ser inédita a mensagem.
Um corpo branco e seios bem vividos
Foram seqüência e iniciação.
Naquela noite marcada.

Depois...

A vontade de corpos mais que de olhos.

Depois...

A vontade dos corpos e dos olhos.

Depois...

A vontade dos olhos e dos corpos.

18

E o menino fazia a iniciação
Nos mistérios citadinos
E esquecia, ao som da descoberta,
Que um dia fora seu
O mistério ajardinado.
Jardineiro do tempo, que se perde,
No silêncio da tumba, que se encontra.

19

Desde os olhos passados,
Que os corpos monótonos seguiram
A história da exaustão.
O menino plebeu
Descortinava alcovas e segredos,
Mas não via
Os mistérios do Rei e de seu Reino,
Esquecido o jardim.

Eram dois olhos de musgo,
Absorventes como os pantanais
E calmos como os lagos no verão.
No dia, em que o olharam,
O menino sentiu que, um dia,
Príncipe,
No Reino de seu Rei,
Viria a ser.

Buscou nos estertores pantanosos
Dos olhos o menino a solução.
Buscou formosos olhos,
Muitos olhos,
Coloridos das cores que colorem.
Olhos azuis,
Olhos verdes,
Verdes-azuis, castanhas, violetas,
Mas os olhos dos musgos lá ficaram
Fitando-o calmamente e o prendendo,
Para o Reino e seu reinado.

Eis que, um dia, o menino decidiu
Lutar para ser príncipe,
Pois que os olhos
À princesa da vida pertenciam.
E amou sua princesa,
Ardentemente,
Como outrora amara o seu jardim.

E aconteceu, um dia,
Que o menino,
Na menina,
O reino desvendou.
Príncipe e princesa,
A verdade da história
Descobriram.

O príncipe e a princesa,
Com o tempo,
Na lagoa da vida
Seis pontes
Construíram dos tempos do presente
Aos tempos do futuro.

Compreendeu o menino,
Agora, príncipe,
Que a esperança dos sonhos e lagoas,
Dos sapos noturnais, pontes e mares,
Que cabem nos limites do jardim,
Não entram na cidade.
E o príncipe, se é príncipe,
Menino,
No tempo, há de deixar de ser,
A tempo.

E os poemas do fim
São descoberta
Daquilo que a verdade não descobre
Porque tem...

Os poemas do fim,
Últimas fontes,
Nas planícies arábicas, desertas,
Que o sol consome
Nas imagens do menino moribundo.

O tempo fica mudo
O noturno
É a polonaise da alvorada.
E a alvorada
O espaço feito eterno.

Caminhei pela ponte desta lenda,
Encontrando debaixo a descoberta.
Caminhei, felizmente,
E a caminhada
Mostrou-me que esta ponte
É fim de ponte.

Eis porque não desvendo o panorama
Que fica atrás deste outro panorama.
Compreendo a descoberta do passado,
Descubro a descoberta do presente,
Mas resto imóvel,
Imaginando a futura descoberta.

Na janela do tempo,
Sem cortina,
Chega perto
O crepúsculo da lenda.

O
prelúdio foi lenda
e
fez-se fuga.